



Visado pela
Comissão de Censura

O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO IX N.º 230 PREÇO 1\$00

ECOS DO CONGRESSO

Congresso Nacional de Protecção à Infância que teve lugar em Lisboa e aonde me quiseram dar a palavra.

Eram nove da manhã e ninguém diria que tanta gente havia de estar, pela inconveniência da hora. Mas estava. Tanta, que eu pedi à Mesa para trocar o nome e em vez de Congresso chamar uma Assembleia Cristã aos ali reunidos; ia falar um padre. Cristãos das catacumbas. Um só pensamento, uma só fé, um só baptismo, um só Deus e uma só dor pelos que sofrem. Não era um congressista; era um padre. Todos temos por preceito, disse, amar a criança desde o ventre da mãe; qualquer mãe. Amar é dar de comer. Continuando, revelei àquela Assembleia Cristã, que de cada cem rapazes que nós mantemos, sessenta e cinco mostram ter passado muita fome no ventre de suas mães. Não lhes vale hoje a beleza das nossas quintas, nem o perfume da cama lavada, nem a abundância de pão; tão pouco os melhores medicamentos. São raquíticos. Ficam raquíticos. Não se alimentaram naquele tempo e não podem de novo entrar no ventre de suas mães! Como remediar o mal? Dando de comer às grávidas, disse. Como, perguntei à ilustre Assembleia? Comendo nós menos, tornei a dizer. Aqui houve um grande, longo, e geral bater de palmas. Eu antes queria silêncio.

Médicos era a grei do Congresso. Não admira. Pela sua acção, eles são os homens que melhor conhecem e por isso mesmo mais se afligem com a sorte da Criança. Ora nós podemos chamar por eles em primeiro lugar e a seguir todos os indivíduos de todas as classes, postos em privilégio de fortunas.

Há-de haver uns trinta anos que eu procurei em duas cidades o conselho de dois especialistas, tendo pago a qualquer deles cem escudos por consulta. Era a uma empregada que se dava aquela quantia ao fazer a inscrição. Num deles lembro-me que esperei vez por dois dias, de tantos doentes que procuravam alívio! Isto deu-se há trinta anos. Ora bem. Os dois especialistas já eram. Têm sido e ainda estão sendo. Dado que o preço não tenha diminuído e os clientes também não, quantos milhões!

De acordo. É muito raro o homem que dê de graça o que de graça recebeu. Não se espera por esse tesoiro. Pague-se. Paguemos aos especialistas e não se discuta.

Mas pergunta-se: não seria acertado que estes e os de outras actividades retirassem para seu uso o preciso e o resto revertesse a favor da Criança? Fundações

Institutos. Organismos. Sítios e horas aonde facilmente e rapidamente se desse de comer. Amar é dar de comer. Proteger é dar de comer. Não seria mais acertado? Que mundo belo, aonde cada criança fosse um sorriso! E a quem prestam aqueles milhões, se estes sorrisos não são?!

Quando eu visitava doentes nos hospitais, não era raro dar com uma criança deitada na mesma cama com um homem! Eu fugia apavorado pela porta fora. Não sei de maior penúria ou desmazelo do que isto!

E se houvesse na nossa terra um hospital com muitas crianças e muitas flores e muitos brinquedos—só para crianças e para flores e para brinquedos! E se esse hospital fosse e se chamasse a herança viva e perene de uma classe social—digamos Médicos, Advogados, Comerciantes, Indus-

(CONTINUA NA SEGUNDA PAGINA)

AO MICROFONE

Dias antes de embarcar, foi em Lisboa na Emissora. Uma vez em Luanda, foi no Rádio Clube de Angola. Chegado a Leopoldville, quizeram dar-me idênticos meios e neste momento é no Rádio Clube de Moçambique. É sempre o mesmo a falar, com devoção, aos portugueses espalhados pelo mundo inteiro. Se no tempo em que nasceu o Cristianismo, os primeiros apóstolos tivessem estas armas à mão, muito mais depressa se teria espalhado na terra a doutrina preciosa do Mestre. Eles não o puderam fazer. Mas faço eu hoje com a mesma intenção; com o desejo vivo de difundir palavras de vida eterna. Não é por outra razão que eu aceito os convites e me desloco a estes sítios para falar. Melhor diria para me comunicar. Muito melhor ainda, para comunicar. Comungar almas para as incorporar em Cristo. Nem por outra razão devem os cristãos comungar Cristo, senão for com a

recta intenção de O incorporar nas almas. Esta é a doutrina. Esta é a verdadeira caridade.

Deixamos Lisboa nos últimos dias de Julho e está no nosso pensamento regressar ali na primeira semana de Outubro. Farei tudo quanto puder para realizar este desejo e peço a todos os meus amigos, que me ajudem a cumprir este programa. Como disse ao sair de Portugal, os pregadores do Evangelho, não têm tempo de perder tempo. Nós não devemos olhar para trás, nem sequer perder tempo a saudar nos caminhos os que nos saudam, segundo os preceitos rígidos do Senhor; tal a importância do tempo! Por isso mesmo, depois de uns breves dias no meio de vós, temos necessidade de partir para a Beira e dali a Luabo e descer à Ilha de Moçambique e combinar em seguida a viagem de regresso. Os meus verdadeiros amigos vão todos ajudar-me neste programa.

Que é que me trouxe à África em tão adiantados anos da minha vida e tendo deixado um mundo de rapazes em casa; que é que me trouxe? Primeiramente eles. Eu vim por causa deles. Para bem compreender a audácia desta viagem, é necessário sentir como eu sinto a responsabilidade de colocar cada um na vida, segundo as suas aptidões. E eles são muitos. Não posso mandá-los embora. Nenhum deles tem parentes ou família que sirva. São inteiramente nossos. Tenho de os levar até ao fim. Eles são a causa impulsiva que me traz às duas grandes províncias do nosso império. Em segundo lugar é ver e apalpar e ouvir a respiração de muitos que já por cá tenho. Os de Luanda, com quem já estive, dão boa conta e sentem-se felizes. Alguns têm já amealhado. Têm mandado vir parentes deles e de suas mulheres. Amam os seus lares. Educam os seus filhos. São valores reais. Eram lixo em Portugal!... Um que veio na minha companhia,

CONTINUA NA SEGUNDA PÁGINA

450 CONTOS

O costume donativo anónimo de 50 deles, acaba de ser depositado no Banco Espírito Santo, perfazendo a linda soma de quatrocentos e cinquenta mil escudos, dado que o primeiro depósito efectuou-se em Dezembro de 1944. Este Senhor (ou Senhora) é feliz. E vamos prós mil.

CEGOS

É sempre boa a hora em que se começa a fazer bem. Chegou a dos cegos de Portugal. Falou o Ministro. Falou a Imprensa. Andam na rua as comissões. O dia de Santa Luzia foi escolhido.

Nós temos aqui em Paço de Sousa um cego, muito falado no *Gaiato*. É o Joaquim Monteiro de Andrade, natural da Guarda, que fez os seus estudos numa escola de cegos e hoje, entre nós, chama-se o *Sejaquim*. Deve ter uns quarenta anos a passar. É baixo de estatura. Se não de nascença, era muito pequenino quando perdeu a vista.

Este homem é prodigiosamente activo. Ele é responsável pelas horas de trabalho de uns cem rapazes. No fim das escolas, está o *Sejaquim* à porta do edifício à espera, e destina trabalhos. É por grupos e por idades e dá a cada um segundo as suas forças. Não há palmo da quinta que ele não conheça, necessidades que ele não atenda, oportunidades aonde ele não esteja. Os rapazes obedecem gostosamente. Sentem-se felizes.

Sejaquim, também dá doutrina. É admirável ver como ele nomeia chefes, manda sentar por grupos na sala tomando ele à sua conta o maior número e de maior idade. O *Sejaquim* compreende o rapaz e por entre as fórmulas do catecismo, mete histórias da Bíblia, que ele vai buscar aos dois Testamentos.

O *Sejaquim* ensina música e canto. O nosso grupo pode ir a qualquer parte, que o não deixa ficar mal.

Mas aonde eu mais gosto é na capela. Na nossa capela. Vozes cheias. Muitos rapazes. Muitos timbres. O arónio aberto. A pedra nua do altar. Nada melhor nem mais perfeito!

Ora este pequeno relatório é a minha participação, na festa dos cegos. Dá-se aqui testemunho da misteriosa compensação do Criador à sua criatura. O que se tira à vista dá-se à inteligência. O cego é capaz de tudo, se lhe damos uma obrigação adequada e o chamamos a contas. Eu tenho chamado a contas o *Sejaquim*. Eu sei que ele dispõe de recursos insondáveis que nós, de olhos abertos, não compreendemos; daí a sua responsabilidade. É o equilíbrio. Deus é justo e admirável em todas as suas obras. Por conseguinte, eu tenho que o maior e mais eficaz concurso a prestar a esta causa, consiste em procurar trabalho e chamar os cegos a cumprir. A piedade que se contenta com o chamar-lhe *ceguinho* e dar o tostão, é falsa. Não presta. Não é cristã. Trata-lo por homem saudável e capaz de muito e dar-lhe trabalho e dar-lhe salário e chamá-lo a contas, isso é que está certo.

E para dar todo o relevo ao que acabamos de expor, alguém que conhecia o *Sejaquim* antes dele ser nosso, e ao saber o que ele é hoje, disse-me por carta: o homem andava aqui pelas tascas a tocar violão e a perder noites. Andava sim. Era o que muitos deles são. Porque cego, diz-se é um inútil. Ora isto não é verdade.

Exemplo: o *Sejaquim*.

Os Nossos Livros

O *Barredo* anda por lá. Os três mil exemplares das três mil fichas que o *Piolho* fez, já há muito que se despacharam. O Júlio, desta feita, ateu em mandar para a crítica dos jornais; para dois livros para cada crítica e agora estamos para ver o que eles dizem. Do que houver, direi.

Ontem, entrei no Imperial por um avellino, na companhia do Avelino e do Carlos. Ao pé, numa outra mesa, um senhor toca-me no ombro e pergunta se pode pagar o *Barredo*. Tinha-o recebido de véspera, disse, e já estava quase lido. *E só o não li todo*, continua, *porque a mulher ralhou-me e apagou a luz*. Enquanto ele puxa por 50\$, eu deleito-me na sua familiar, simples, esplêndida notícia: *a mulher ralhou-me*. Que doce ralhar. Quam prática! E cuidadosa pelo repouso do seu marido! *E apagou a luz*. Mais carinho. Mais zelo; eu ia a dizer mais amor conjugal. A mulher, quando feita dona de casa, sendo fraca por natureza, é o braço forte do lar. Quando ela põe toda a sua inteligência ao serviço do marido, pode ralhar e apagar que ele tudo aceita. Saiba que é por bem, para bem.

Pois sim senhor; anda por lá o *Barredo*.

Encantado com o trabalho formidável da expedição, aonde tantos rapazes mexem e remexem; e também com o interesse deste e doutros leitores, não leva muito que não saia outro. Outro livro. Mais um livro. Depois se dirá.

Não é o *De como eu subi ao altar*. Não poderia fazê-lo a menos que tivesse gabinete e pusesse o senhor contínuo a dizer que o senhor director não atende, como nós ouvimos muitas vezes quando andamos por lá... Não poderia. Sai outro. É da mesma fonte. Tão depressa vão os 7.000 em depósito como os compositores e impressores andam. Os senhores andem prá frente. Os solteiros, por não terem quem lhes ralhe, podem ir de um fôlego. Por compositores e impressores, nós temos cá o *Papagaio*. *Papagaio* fez a 4.ª classe e foi para um emprego. Eu estava ausente. Mal chego d'África, *Papagaio* faz-me uma grande queixa. Que o emprego não presta. Que o mude. Profundando, quis saber aonde e o que fazia. Era num escritório de Comissões e Consignações. *Papagaio* continua. *Não há lá nada que fazer*. Proseguindo, ele diz que mal chega ao escritório o mandam sentar. *Olhe é assim*. E o *Papagaio* senta-se numa cadeira. *E práhi estou todo o dia*. Ora na verdade, enquanto aqui, *Papagaio* nunca se sentava. Fazia a sua obrigação e ajudava os mais nas suas. Por isso regressou. Temos de o conservar ocupado. Manter a sua bela vocação para o trabalho. Mais um livro!



Crónicas de África

O *Constellation* está pronto a partir. Foi curta a sua demora no porto de Leopoldville. Um oficial de bordo chama pelo nome dos passageiros. Eu e Júlio respondemos e subimos para a nave. Dentro, olho em redor e conto nove figuras. Muitas cadeiras vazias à nossa disposição. Iamos já nas alturas, quando do bico da proa, surge a hospedeira com um tabuleiro de fruta avisando que se quisessem podiam comer. Nem foi tarde nem foi cedo; era.

Levantamo-nos imediatamente das nossas cadeiras e dirigimo-nos à ré, aonde a fruta tinha ficado. Era da Europa. Cheirava a Lisboa. Eu foi peras e o Júlio pêssegos. A fruta estava gelada pelo que mais apetitosa. Os passageiros estavam de costas voltadas. A tripulação, nos seus aposentos.

Eu e o Júlio, sózinhos ao pé do tabuleiro. Resultado: ele mais pêssegos e eu mais peras. Era fruta de Lisboa.

De novo tomamos os nossos lugares, mudando com frequência, ora a bombordo ora a estibordo; mas as vistas não mudavam. Iamos muito alto, enxergava-se muito pouco. Cada um de nós tinha à sua frente o roteiro das terras por onde iam voando. Os desertos cobriam grandes distâncias. Júlio, por mais interessado e mais curioso, ia-me dando nota de tudo.

As horas corriam. Revistas e jornais do dia, ajudavam a passar o tempo. Tínhamos ali à mão alguns diários de Lisboa do dia antecedente. Nunca as notícias nos souberam tanto como naquela manhã! Dizia-se que chegaríamos às seis da tarde.

A presença de um padre católico, chamava por alguns tripulantes católicos. Era deles que eu ia sabendo os sítio e as horas, comunicando, a seguir, ao Júlio. Este, mordido de curiosidade e atento aos meus lábios, se eu lhe não dissesse toda a nossa conversa, ele perguntava. Era assim a bordo. Foi assim a bordo.

São duas horas da tarde. A hospedeira dá sinal do almoço, passando de novo por meio de nós com graciosos tabuleiros de acepipes. Tudo inédito para o Júlio. Antes de se servir, o rapaz tinha o cuidado de ver como eu fazia. Coisas pequeninas e saborosas que mal dão para mastigar. Depois da hospedeira, é o criado de bordo. Muito escanhado. Muito penteado. Camisa branca e um pequenino laço preto. Calças da mesma cor. Delicadamente aproxima-se e pergunta o que é que nós queremos tomar. Por infelicidade do Júlio é a ele que o criado se dirige em primeiro lugar. Quer saber que bebida deve ir buscar por aperitivo; e dizia nomes. Muitos nomes. Júlio não percebe nada. Eu acudo. O servente vai buscar dois cálices de sherry. A cor do vinho! O cristal do copo! O aroma! A hora! Tudo! Momentos depois vem um tabuleiro guarnecido. Um prato quente e deles frios. Muita qualidade. Muita variedade. Uma garrafinha de Bordéus. Era o almoço. O almoço a bordo do *Constellation*. Eu e Júlio conversávamos. Os outros passageiros da mesma sorte. Serventes perguntavam e iam buscar mais. Tudo tão normal e tão em casa, que difficilmente somos levados a

supor e acreditar o que num instante pode acontecer...!

A tarde vai caindo e também as pálpebras. Dormita-se. Jornais e revistas já perderam o interesse. Assuntos de conversas também se vão esgotando. Estamos a seis horas de caminho, num lugar quase forçado, aonde pouco se pode variar. Dormita-se. Quando dou fé, fazia escuro. Ia começar a noite. Aparecem luzes na terra. São povoações. Voamos sobre zonas habitadas. É o primeiro sinal de vida desde que esta manhã saímos do Congo Belga. Mais luzes, mais povoações, até que vem agora um extenso e espesso tapete iluminado.

Pretória. É Pretória. Durante seis meses em cada ano, mora aqui o Presidente da União Sul Africana. Os outros seis é no Cabo. Antes deles era sempre o Presidente Kruger, de quem os ingleses, naquele tempo, diziam querer estimar muito, porém mais queriam e estimavam o ouro do Rand! Deixando as luzes de Pretória, logo começamos a ver ao longe outra imensidade. O avião começa a descer. Divisam-se estradas e caminhos e casas de habitação. Grandes núcleos delas formam grandes povoações. A assim fomos cortando o espaço até dar no campo de aviação de Johannesburg.

TRIBUNA DE COIMBRA

Casas para Pobres: No passado dia oito, dia da Senhora da Conceição, foram benzidos diante duma multidão mais duas casas do Património que vão ser entregues no dia de Natal.

Natal dos Lázaros: Aproxima-se o Natal. Festa tão cristã e tão encantadora para os de saúde e queremos que o seja também para os doentes. Queremos este ano, como nos anteriores, fazer o Natal dos Lázaros. Preparai-o em vossa casa e mandai o, que nós seremos os vossos procuradores junto dos doentinhos.

Quanto nos deve falar a alma este nome Natal dos Lázaros, aquele a quem Jesus amava e que estava doente!

Abrindo o Evangelho nós encontramos Jesus a curar, a limpar. Em todas as páginas, doentes que se lhe abeiraram. E quando os discípulos de João Baptista lhe vêm perguntar quem é o Senhor responde: Ide dizer a João que os doentes são curados e os pobres evangelizados. Primeiro e sempre, os doentes. Quando um membro do nosso corpo está doente, todos os outros se lhe afeiçoam. E nós somos todos membros do Corpo Místico de Cristo e por isso, temos que afeiçoar, acarinharmos aqueles que estão doentes, para que não sofra todo o corpo e vá atingir a cabeça, que é o próprio Cristo.

Todos a Celas aos Lázaros no dia 28 de Natal às três horas da tarde.

O que nos vão dando: Desta vez não há muito que anunciar, mas como se aproxima o Natal e esperamos que as coisas cheguem aos lotes, vamos despachando, para não amontoar:

Roupas de Cantanhede, duma mãe atribulada; e delas no P. Delgado; 100\$00 duma promessa a N. Senhora e S. João Busco por uma graça e 20\$ a S. Bras pela garganta; cem da Póvoa de Varzim a pedir cinco missas pelas melhores espirituais e materiais de pessoa amiga. Mais visitantes de Cantanhede com duzentos; cem de Coimbra a pedir quatro missas; cinquenta para o doente do pneum. torax de Coimbra, de Lourenço Marques; roupas usadas e figos secos; roupas usadas no Castelo da Sofia; vinte da Louçã do primeiro ordenado com esperança de poder dar mais; cem duma tripeira em Coimbra.

Visitantes com cem. O Senhor Doutor aqui tantas vezes repetido com um envelope com mil; a mãe de Tábuas que carregou o nosso carro com laranjas, tangerinas, trigo, vinho, azeite, carne e palha; quinhentos a um vendedor para cobertores; e dez para os pobrezinhos.

Na próxima há-de ser um desfiar imenso de coisas: é o Natal.

Padre Horácio

EM DISTRIBUIÇÃO

«O BARREDO»

Pedidos à Editora - Tipografia de «O Gaiato»
PAÇO DE SOUSA

AO MICROFONE

— CONTINUAÇÃO DA PÁG. ANTERIOR —

deixei-o com 80 angulares por dia. É carpinteiro. Apenas chegou e como soubessem ali que ele era um grande número da bola, foi anciosamente disputado. Assinou a ficha no clube que eu indiquei, no Luanda, conquanto outros lhe tivessem oferecido grandes vantagens. Veio acompanhado de sua mulher e esta quase no fim do tempo, mas todos ali se ofereceram para prestar auxílio em tempo oportuno. Será um parto feliz com a presença do pai e a simpatia de muitos. Ouso dizer que de 50% destes que são hoje meus filhos, não vieram assim ao mundo. Eles nascem nos hospitais, para não ser na rua; e o que é mais doloroso, abandonados dos homens que as enganam. Eu sou testemunha. E finalmente, existe uma outra missão que tem ocupado algum tempo das palestras que tenho feito, quer nos cinemas quer nos salões, quer nas igrejas, quer nos rádios: são as casas do «Património»; do «Património dos Pobres». Quem hoje for a Portugal, além de muitas coisas boas e novas que ali observar, terá para ver mais uma, novíssima. Sim; novíssima. É de facto a última palavra. Portugal nunca viu nem tão pouco sonhava ver à beira das estradas e caminhos, casas pequeninas e formosas com sua horta e jardim e no cunhal a legenda sorderba «Património dos Pobres». Nunca tal se viu! Têm os pobres hoje alguém que acode por eles e que os liberta da barraca e da cortelha. Já se contam por mais de 30 delas e apenas começamos este movimento em Abril do ano passado!! No próximo mês de Outubro, havemos de inaugurar mais 7 que ficaram em construção quando saí de Paço de Sousa. No Tojal e em Miranda do Corvo, aonde temos Casas do Gaiato, sei que os meus colegas estão ocupados e empenhados em instalar mais famílias pobres nas casinhas que ali estão erguendo. Não se trata de uma promessa. Não gememos dificuldades. Não mendigamos simpatias. Não declaramos que se tivéssemos dinheiro declararíamos. Nada disso. Nós construímos e entregamos. Os tempos assim o pedem. À onda feroz da destruição, oponha-se outra mais feroz: construir para os pobres por amor de Deus! Cada casa fica por uns 12 contos. Em Leopoldville deram-me algumas. Em Joanesburgo não, porque não quis esperar. Nesta província espero receber migalhas que dêem o suficiente para algumas casas. Digo migalhas. Nós não podemos aceitar nem ser portadores de grandes quantias, por amor à pobreza do Evangelho. Tão pouco desejamos secar nas almas as fontes de heroísmo. Todos os dias em Paço de Sousa, entre as cartas que recebemos, muitas delas são verdadeiras declarações de amor. É um estudante que se priva do seu tabaco. É uma rapariga que faz o mesmo a um objecto que desejaria comprar. É um casal remediado que tira ao seu modesto salário. É mais e mais e muito mais. Ora eu não quero estancar as fontes. Eu quero que todos amem e com as migalhas de todos vamos levantar 1.000 casas na terra portuguesa para os pobres nossos irmãos.

A venda do jornal

Há ainda muitas pessoas que não conhecem o nosso tão admirável jornal "O Gaiato". E quem lhes há-de explicar? Somos nós, os vendedores que todas as quinzenas nos deslocamos ao Porto, afim de fazermos a venda do "Famoso". Em primeiro de tudo vamos servir os nossos fregueses; e então depois vendemos nos cafés, nas ruas, etc. Assim passamos o dia inteiro com o dito na boca: *Olha «O Gaiato!»*

Muitos srs. admiram-se por nós chegarmos muito cedo ao Porto. Pois é a nossa missão, de quinze em quinze dias. Nós também somos peregrinos. Também fazemos sacrifícios! Tudo isto é bom para a nossa Obra. É para nosso bem. Precisamos destes sacrifícios. Isto ainda é preciso para nós. Contudo na nossa idade, já é qualquer coisa.

Saímos de Paço de Sousa pelas sete horas: é o nosso horário habitual. É claro que ainda é muito cedo. O tempo nesse dia entrou molhado, os pneus do nosso automóvel estavam muito gastos. Aconteceu que ao darmos uma curva muito fechada, o nosso automóvel tomou para baixo de um campo. Não houve perigo. Ninguém se aleijou. Quer-se dizer: tivemos azar e ao mesmo tempo sorte. Quem conduzia era o Avelino. De facto não teve culpa. Isto já tem acontecido a vários motoristas. São exemplos que aparecem de surpresa. Tudo isto aconteceu! Tudo se passou. Estamos sujeitos a tudo. Tivemos de atraso hora e meia.

Evidentemente tenho a afirmar que a venda está a correr bem. Oxalá que assim continue sempre. Mas ainda há certos jovens que não conhecem o nosso jornal. E esses que o acham caro não prestam para nada. É sinal de que o não conhecem. E portanto desejo que todos o comprem e o leiam com a máxima atenção. É melhor comprar o nosso jornal, do que esses que só trazem palavras cruzadas, reclames e futebol. Este não: este procura o bem de todos. A Obra do Gaiato vive de esmolas. Nós andamos a vender o jornal, para nos auxiliar. Não é porque ele valha o dinheiro. Quem compra "O Gaiato" dá esmola. Portanto não o achem caro.

Resta-me dizer que saiu mais um dos nossos vendedores, o Abel, o qual andou na venda salvo erro, oito anos. Agora entrei eu para o seu posto. Abel encontra-se fora da venda.

Manuel Henrique (Hélio)



Aqui, LISBOA!

De PADRE ADRIANO

doentes: não se esqueça do nosso Natal. Esperamos uma lembrança!

Esta lembrança há-de vir da outra parte da vossa consoada. Precisamos de muitas broinhas para repartir pelos doentes que não têm quem os visite, nem dispõem de recursos para irem visitar a família.

Por outro lado os nossos gaiatos estão nas mesmas circunstâncias e, triste Natal seria o deles se, dos vossos filhos, não viesse uma parcela da sua fartura.

De bem longe chegou a primeira nota deste amor cristão: foi de Luanda. Reza assim uma carta com um escudo: «Por este ano vai esta pequenina parcela de amor tropical... para o Tojal, para que seja mais quentinho o Natal dos nossos queridos gaiatos». Estão a chegar por várias vias, outras provas de valiosa cooperação.

50\$ para o Património por alma da irmã Flora; 34 metros quadrados de vidro da Covina para as casas do Património a inaugurar pelo Natal. Mais de Monte Redondo a esquadria para mais uma. O Reitor e alunos do Liceu Camões deixaram-nos muitas roupas, brinquedos, calçado e 828\$. A Caridade, por ser a primeira e a maior e todas as virtudes, deve andar na boca, no coração e nas mãos e todos os Mestres e alunos. Não se diga mestre quem não souber esta lição. O Liceu Camões vai à frente.

Produtos Lácteos subiu a cota para 134\$; da Ultramarina 500\$. De visitantes do Congo Belga 1000\$ e mais 500\$ pelo feliz voo, de lá até aqui, duma pequenina. Para os pobres, 20\$ por alma dum irmão. De algures 50\$. Um saco de oitenta quilos de trigo de semente. Que Deus multiplique os setecentos que este ano lançámos à terra. À porta duma igreja 50\$ e 300\$ à porta de outra. São recados transmitidos fielmente pelos vendedores do Gaiato. Mais embrulhos de roupas e calçado. Precisamos de cobertores, e lençóis e um trem de cozinha para o Lar que finalmente vai abrir, na Rua Renato Baptista. Das Caldas 50\$ para as Conferências. Livros, pneus, roupas e dinheiro de visitantes. De Angola 100; de Lisboa 50\$. Mais roupas dos filhos dum bom senhor de Guterres, Ilha de Moçambique; 20\$ para a família numerosa; 200\$ para o Património. De Benfca 50\$. De uma mãe aflita com um pedido já satisfeito 100\$. Finalmente o Montepio sempre pronto a arquivar quanto se lá queira depositar para o progresso da Obra.

Ao terminar uma das nossas crónicas sobre a vida das Curreleiras, dissemos que desejávamos dar princípio à diminuição dos deslocados na capital e, veio a propósito, o caso da pobre Maria Dias, de Pescaneco. O nosso brado que nos saiu bem fundo da alma, ecoou nas quebradas da Serra da Estrela. Um jornal de Arganil tocou a rebate e logo acudiram vários compatriotas estabelecidos em Lisboa, que se puseram em campo. Vasculharam a Cascalheira e vieram a saber que a pobre Maria era natural, não de Pescaneco mas de Janeiro de Baixo, que tinha por lá parentes que lhe dariam bom acolhimento e que ela estava anciosa por voltar a penates, mas faltavam-lhe os recursos para isso. Entre si os dois amigos repartiram os encargos da passagem e assim libertaram uma infeliz duma tétrica situação.

Serviço pronto, limpo, eficaz! Bem hojam os homens bairristas e cristãos dos Herminios!

Se não entrou mais ninguém, temos agora em Lisboa 14 999 deslocados... Isto vai!

Hoje voltei à Cascalheira saber mais notícias. Juntou-se logo um mar de gente

Notava-se uma atmosfera carregada. Todos esperavam tragédia.

Impressionou-me, de entrada, um velhinho fútil, doente, a tiritar de frio, sentado numa pedra. Disse-me que era de Estarreja. Que viera de lá pequenino; tinha feito cá o serviço militar, casara, tivera filhos, morreram, morreu também a esposa, agora deitaram-lhe abaixo a cabana, e eis por que se encontrava só, naquele estado.

Perguntei-lhe que esperava agora dali.—Nada, a não ser um lugar no asilo das Irmãsinhas dos Pobres ou a morte..

Já foram dadas as primeiras passadas para que se salve mais este naufrago, e então, tremos a alegria de comunicar que nos resta acudir a 14.998... Isto há-de ir!

Já vinha a retirar-me com os ouvidos cheios de lamúrias, quando veio concretizarem-se os primitivos rumores da tempestade.

—Eles aí vêm!

—Eles, q. em?

—Olhe o carro da polícia para nos obriarem a retirar! Mas para onde!?

Não se vá embora, padre: defendam-nos! Est u toda a tremer, dizia uma mulher apertando um filho nos braços

Outro assunto. Ao passar por entre filas de camas do Sanatório ouço o apelo repetido de muitos

ECOS DO CONGRESSO

Continuação da primeira página

triais, Banqueiros. E se esses milhões de crianças, feitos homens, recordassem os dias felizes que ali passaram e dessem em amar aquelas classes com seus médicos, com seus advogados, seus comerciantes, seus industriais, seus banqueiros, tendo cada um por seu amigo! Mas não é este precisamente o mundo que todos nós desejamos?

Crianças robustas, de mães robustas e aí temos um mundo aonde todos cabem. Contentem-se com menos o que tem de mais e o milagre dá-se. O Mestre ensinou-nos

como do pouco se faz muito e deu de comer a multidões. Dê-se à Mãe os precisos e ela em sua casa defende, protege, alimenta, supre. Só ela, a Mãe, sabe mastigar o que o seu filho come. Mais ninguém.

Não sabemos até onde irão as conclusões do Congresso. Elas são muitas porque muitos os aspectos da vida da Criança. Eu cá tenho esperanças. Cuido que da palavra vai proceder a acção. E desde já se afirma como uma coisa nova: ao que me consta, não fechou com o costumado banquete.

DOCTRINA

Desde que se tornou público, aqui no jornal, o depósito de um milhão na conta do «Património dos Pobres», não têm faltado cartas a expor «apertos» caseiros e pedir solução.

Em primeiro lugar, é bom dizer-se que um grande número de dificuldades domésticas, não é causado pelos tempos de fome, peste e guerra. Não se trata de agentes externos. Não se trata de culpa dos próprios que nos vêm pedir a mão. Uma vez é ele. Outras é ela. Às vezes são ambos. Pouco tino. Pouco equilíbrio. Quando assim é, culpam-se os outros, em regra. Tudo são arqueiros nos olhos dos de fora por mor da trave que anda nos de quem julga... Ora muito bem.

Mas demos que todos os casos expostos são a expressão de um inocente, que não de culpados; como posso eu atender? De quem são aqueles mil contos? No meio de isto, o que sobremaneira me espanta, é notar que são pessoas responsáveis e de responsabilidade. Gente de classe. Propostas sérias com hipotecas e tabelião etudo! Torno a perguntar,—de quem são os mil contos, hoje no Banco Espírito Santo, à ordem da obra de casas para os pobres,—de quem são?

Como é que não fizeram a si mesmo esta pergunta, os indivíduos que a mim se têm dirigido; eles, que pelo seu estilo e posição, parecem ser homens de bem! Em que posição ficaria eu perante a minha consciência? Como responder interiormente aos desejos dos que me contiam dinheiro para o Património dos Pobres? Que é da coerência?

Se eu me atrevesse a levantar aquele dinheiro do Banco para um outro fim que não as casas, seria o começo de uma ruína certa. Estávamos irremediavelmente perdidos. Eu e os meus padres, teríamos de pedir aos nossos bispós uma paróquia. A Obra da Rua não era mais. Esta doutrina não é conhecida nem aceita nos programas da prestação oficial de contas. Ali é fácil meter gato por lebre. Aqui não. Aqui não podemos.

É inútil. Nada. Nunca. A ninguém. Aqui é tudo de César e de Deus.



NOTA DA QUINZENA

Chegado ao Lar do Porto, vindo de Lisboa, oiço que tinha estado há pouco um senhor estrangeiro à minha procura e que amanhã voltava. Como tivesse pernoitado ali, no dia seguinte vem ele. Faz-se acompanhado da esposa. Fora, estava o seu automóvel. Vejo passar umas férias a Portugal. Tendo gostado de uma aldeia perto de Vizeu, ali fez pausa. No convívio com o povo, deu fé de uma mulher perdida com seis filhos em redor. Pergunta, inteira-se. É um de cada homem. Ela é uma apedrejada. Faz falta no mundo Jesus de Nazaré!

Mando sentar o estrangeiro e sua esposa também. É um homem de paz, quase envergonhado do que me diz, tão modesto e tão cristão! Até aquela data, tinha colocado em famílias duas raparigas. Tinha feito o mesmo a um rapaz, na casa de um lavrador. Um outro, o mesmo destino. Faltava arrumar um. *Eu tenho-o ali no carro.* Nisto, mete a mão à algibeira e rapa da cédula do Inocente: José Diamantino. O documento traz em cima as armas da Nação. É feito e assinado por um funcionário ao serviço da Dita. Ali consta oficialmente ser filho de pai incógnito o Diamantino. Se ele chegar a homem, todos os actos públicos da sua vida, hão-de dá-lo por ilegítimo, oficialmente.

Estávamos ali sentados. O salvador destas seis crianças, pergunta-me se são frequentes estes casos em Portugal. Eu escuto. Temo a cédula do rapaz e enquanto a guardo, dou uma resposta vaga aquela sua pergunta. Ele é estrangeiro. Não me convinha lavar ao pé dele a nossa roupa suja. A sua esposa insiste. Estranha que numa povoação tão pequena haja um caso destes, sem reparos de ninguém. Não podia, naturalmente, ficar calado por mais tempo. Tomo a cédula que já tinha guardada. Aproximo-me do casal. Abro o documento. Leio. Indico com o dedo. *Aqui. Os senhores estão vendo aqui estas duas palavras? Estão vendo? Pois bem. Dentro de pouco tempo isto vai desaparecer da Legislação Portuguesa.* Era o pai incógnito. Eu apontava o pai incógnito. Trouxe o pequeno no *Morris*, depois de ter feito as minhas despedidas.

Ora agora não. Não falo a estrangeiros. Estou mais a vontade. Posso dizer. O que deveras me impressionou foi a coincidência de ter lido a minha palestra horas antes, em Lisboa, e ao chegar ao Porto, receber uma tão dura confirmação da doutrina exposta! Acho isto tão espantoso, que tomo por uma continuação da tese apresentada e daqui me dirijo a todos quantos fizeram parte do Congresso Nacional de Protecção à Infân-

S. JOÃO DA MADEIRA Amigos leitores, pela primeira vez eu digo através do Famoso as notícias e casos passados neste Lar. Antes de tudo quero começar por agradecer aos benfeitores que nos temos nesta vila ficando desde já aqui os nossos agradecimentos para a Sr.^a D. Laura de Macieira de Sarnes, que nos tem mandado muitos diospiros que são a delícia das nossas merendas e sobremesas. Em segundo lugar ficam também os nossos agradecimentos para os dirigentes do Cine Avenida, do óquei em patins, futebol, áqueles que nos têm franqueado a entrada. Para a Sr.^a D. Arminda de Casal del também vão os nossos agradecimentos, pois que nos tem mandado muito fruta.

Para os directores do Jornal do Norte, Porto, Lusitano de Évora, Sporting, Mundo de Aventuras, Cavaleiro Andante e da Flama, ficam os nossos agradecimentos. Por enquanto mais nada mereço referência.

Oriundo António Nightingale Floriano

cia. Saibam, pois, sobretudo os responsáveis, que eu dei a minha palavra àquele estrangeiro de letra maiúscula. Prometi.

Eu não estava, mas ouvi dizer que o nosso Presidente da República inaugurou. Que a Igreja também se fez representar. *Daqui por pouco tempo o pai incógnito vai desaparecer dos documentos públicos.* Assim falei, com licença presumida das autoridades. Todos nós podemos fazer votos e promessas, quando a coisa é para melhor.

Ao passar por cidades das nossas províncias do ultramar, soube da boca de missionários, que de cem rapazes dos seus asilos, oitenta são filhos ilegítimos. Eles têm a seu cargo o registo oficial. Os governos sabem... Em uma terra aonde me demorei três dias, todos eles, à mesma hora, vinha ter comigo um rapaz de 12 anos; pedia-me que o trouxesse. Vivia abandonado no mato com os pretos; e ele é branco! Noutra cidade, sobe ao hotel aonde eu estava, uma rapariga mulata. Vinha desabafar. Conta-me a sua vida duríssima. *A África é muito ingrata para nós*, rematou. E mais. E mais.

Temos a lei de investigação de paternidade, informam os grandes. É verdade. Quando há direitos sucessórios pode resultar. Mas no meu caso não. Quem se interessa? Quem promove?

Ora eu estou aqui. Esta doutrina é de sangue. Os juristas têm a palavra.

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

Nós nada mais temos a acrescentar às palavras do nosso Pai Américo, sobre os cobertores para os Pobres de Paço de Sousa. Ele disse tudo, como só ele sabe. O que nos resta é agradecer a solicitude e a generosidade da Oferta.

*** Não é sem dificuldade que aguentamos o barco. Cobrimos aqui uma falha, mas a colá já me te água. Entretanto, amos navegando.

*** Lembramos o Natal. A consoadá para aqueles que jamais a teriam se não houvesse quem lha oferecesse. E cá estamos à espera até 24 de Dezembro.

*** Da querida cidade do Porto 100\$00. Parede mandou doze escudos e cinquenta centavos. Uma Senhora portuense escreve-nos perguntando se recebemos 7\$50 em se'os. Obrigado. Aqui arquívamos o cumprimento da promessa. Pode enviar mais, que tudo recebemos. O Assinante ou assinante 9978 remeteu nos 400\$00. Da conhecidíssima Assinante de Lisboa 350\$00 para os cobertores, com pena de não poder agora mandar mais. Outro assinante do Desordeiro, entre outras considerações pede que sejamos leais ao nosso Pai Américo e manda 100\$. Quantos de quantas partes não nos pedem a mesma coisa? São nossos amigos. Por fim 100\$00 da progressiva Vila do Barreiro.

JÚLIO MENDES

Já há muito que não, mas hoje sim. Hoje escrevo os passos da minha visita de ontem. Foi depois do meio dia. Sem mais delongas, dirigi-me ao coração do burgo, aonde tenho um amigo das minhas relações. Antes de ali entrar a primeira vez, fui pizdozamente avisado que não: *ele não o recebe nem aceita as suas esmolas, por ser um padre.* Estes homens azedos, não estão na razão, mas há fundamento. Eu ouvi o aviso e sem nada responder, bati à porta e entrei. É um quarto pequeno. A mãe do azedo estende à noite uma enxerga e estende-se. Afinal de contas, não fui nada mal tratado. Ele é verdade que o meu doente tem uma grande pilha de livros sobre a mesa e deve ser homem que gosta de ler; porém, nada mais eloquente e convincente do que a presença dum homem disposto a ajudar. Vale mais do que a letra de imprensa. Deita abaixo todos os livros.

Ontem, estava a mãe. O filho tinha saído a ver se via alguém. Era preciso comer... *Esta manhã falou em si muitas vezes... Disse que já tinha feito a semana...* A seguir, a mãe do doente leva as mãos à testa e exclama, com muita pena—*ora ele que saiu mesmo agora!* O filho é um pedaço de homem, válido e valente se não fora o bacilo. *Tem dias que só toma café!* Hoje saiu com ele; não temos nada em casa. Estava ali a cama feita. Por uma janela entra o sol da tarde. A mãe levanta a roupa e diz, enquanto mostra as peças: *ou há-de ser para mim ou há-de ser para ele.* Nisto, sem mais nada, retira de entre os livros um maço de papeis. É o *Prego*. Estavam ali recibos das coisas mais indispensáveis. É preciso ver-se para se acreditar na cor da fême! Tirou-se para já alguma roupa de cama; de forma que doravante o filho cobre-se e a mãe também.

O homem quer naturalmente viver. Explica-me o andamento dos papeis. Por enquanto não estamos ainda em posição de acudir a todos e é por isso que uma grande parte desta classe de doentes, por serem pobres, morrem antes de ser chamados. É isto que me faz doer—*por serem pobres!*

Sai do ambiente. Saimos, pois que ia comigo o Carlos do Porto. Estamos no coração do burgo, aonde tudo é intenso. Ele nas portas. Ele nas janelas. Ele nos postigos. São chusmas. Crianças esfaimadas param e olham. Cães e gatos procuram coisas mortas. É o coração do burgo.

Três mulheres destacam-se e aproximam-se. Uma vem de chorar e as outras são testemunhas. É para o enterro. Vem pedir um auxílio para o funeral. A que chora, por mais dorida, levanta a voz—*venha ver o meu homem.* Eu quero caminhar, mas o povo embarga. O que mais me custa ali é não ter liberdade de acção. Devia ser já uma figura banal, de tantas vezes que ali passo;—e não. Não sou. O alvoroço das almas cresce, à maneira que eu prosigo. Compreende-se. A miséria! As duas testemunhas afirmam e confirmam; e acrescentam isto que é de berrar: *eles não têm casa e um visinho tem lá o morto!*

Eu já sabia que ali é sítio de heróis. Mas um tamanho heroísmo, não! Quando? Aonde? Quem? Como se pode receber em casa um morto da rua?

Este homem tinha sido mandado embora de um hospital por incurável. Um grupo de homens do rio, cotiza-se e paga-lhe um quarto. Num instante sabe-se a doença e a locatária despede. Desde então é uma cadeira. Uma cadeira nua na laje de um portal. Outra vez um homem do rio tem pena e empresta uma enxerga. Parece que o doente a esperava. Deita-se e morre ali! *Venha ver o meu homem morto*

Pelas Casas do Gaiato

PAÇO DE SOUSA Já vai no meio a expedição do Barredo.

Todos os dias chegam pedidos em grande número e de todas as partes.

Estou mesmo a ver que os senhores mais preguiçosos se privarão de adquirir tamanha novidade literária com excelente aspecto gráfico.

Os senhores acordem, pois são horinhas!...

— A nossa conferência está cada vez com mais encargos e os senhores pouco se têm lembrado dela.

São precisos remédios, roupas e aquela conta semanal... Não se esqueçam do Natal, para a tradicional caldeirada!

Os senhores deem uma mãozinha...

— A quantidade de doentes no nosso hospital não tem ultrapassado de três.

Como os Senhores vêm, o nosso hospital está às moscas durante todo o dia a não ser da parte da manhã em que se fazem alguns curativos.

Cá na casa não há doentes nem aleijados porque comemos couves da nossa quinta que matam todos os micróbios e quantos bichos há.

— As Casas do Património dos Pobres enfeitam a nossa freguesia e tornam-na muito alegre.

Ora o que nós queremos é que os senhores afinem uns com os outros para se aproveitar todas as aldeias de Portugal.

— O nosso Grupo Cénico está a trabalhar afinadamente para no Natal apresentar um espectáculo de primeira grandeza e passarmos uma noite cheia de alegria.

Estamos a ensaiar as farpas seguintes: os dois jovens cativos, um ofício para o Menino Jesus e o Si bemol.

Além disto haverão vários monólogos e nos intervalos érias, pelo nosso Orfeon, treinado pelo *Sejaquim*.

— O Grupo Desportivo da Casa do Gaiato tem treinado com toda a regularidade todas as semanas.

Alguns têm treinado descalços por motivo de estarmos fanados de chuteiras.

Portanto, se houver algum senhor que tenha algumas chancas a mais...

— O Foz é, desculpem, o rei dos mijões da casa.

Ele é já um rapaz grande mas... s vezes são onze horas da noite e já tem as ceroulas molhadas.

Daniel Silva (Corre)

COIMBRA Caros leitores ao começar estas notícias quero em primeiro lugar agradecer aos estimados leitores de "O Gaiato" que fizeram o favor de nos enviar alguns discos conforme meu pedido no antepenúltimo jornal.

Também não quero deixar de citar o número de discos que nos enviaram que são: 2 de Coimbra, mais 24 também da mesma cidade, e 72 da capital do País, e juntamente com estes veio uma caixa de agulhas, agradecemos a estes nossos amigos e benfeitores que corresponderam de conformidade com o nosso desejo.

Conferência: Está próximo o Natal, e os nossos pobres andam sempre a dizer aos confrades que passam muito frio e os rapazes só dizem que não têm dinheiro, pois os nossos leitores não se querem fazer sócios da Conferência de S. José do Lar do Gaiato de Coimbra, se o quiserem fazer, só pagam 1 escudo, isto para quem não quiser, ou não puder dar mais, porque no caso de querer ou poder dar, mais, é favor que nós e os nossos pobres agradecemos. Nós temos pobres que estão em casa cu na rua é a mesma coisa, quando chove, tanto chove na rua como em casa, e quando está sol, tanto está sol na rua como em casa. Tenham pena dos pobres porque quem dá aos pobres empresta a Deus. Se o fizerem quando mudarem a vossa habitação para o outro mundo, lá estarão marcados os que deram aos pobres e os que não deram, os que deram serão gratificados, e os que não o fizeram não poderão gozar da mesma consolação; portanto lembrem-se dos pobres e lembrem-se desta frase, quem dá aos pobres empresta a Deus.

Manuel dos Santos Machado